

BRINCANDO TAMBÉM SE APRENDE! CONTRIBUIÇÕES DAS MÚLTIPLAS FORMAS DE BRINCAR PARA O DESENVOLVIMENTO DA LINGUAGEM ORAL E PARA A INTERAÇÃO SOCIAL DAS CRIANÇAS.

Maria Emanuela de Oliveira Cruz - Graduanda Pedagogia/UEPB

Camila Matos Viana - Graduanda Pedagogia/UEPB

Profª Glória Mª Leitão de Souza Melo – Orientadora/UEPB

O projeto de atuação e investigação docente foi realizado em uma Creche e Pré-Escola do Município de Campina Grande - PB, em uma de suas turmas denominada de Maternal II, composta por crianças de 03 a 04 anos de idade.

A atuação ocorreu no turno da tarde, durante os meses de setembro, outubro e novembro de 2011. Além de pesquisas bibliográficas que respaldaram as análises, foram desenvolvidas brincadeiras com as crianças no intuito de contribuir para uma melhor interação entre elas, seus/as colegas e professores/as; algumas músicas como meio de estimular o desenvolvimento oral das crianças; bem como situações de fala e argumentação através de rodas de conversa, leitura e “contação” de histórias, dentre outras. O acompanhamento das atividades desenvolvidas e as análises e reflexões da ação docente foram registradas através da escrita em diário de campo.

Não há como pensar a criança dissociada da brincadeira, o brincar faz parte do seu cotidiano e da sua forma de ser, contribuindo para o seu crescimento e desenvolvimento de uma forma bastante significativa.

Assim, não há como falar de criança sem lembrar o que é essencial para elas: o brincar. A brincadeira faz parte de seu mundo e nada nem ninguém tem o direito de privá-la, dessa forma, cabe a escola buscar a união entre os conteúdos programados e a brincadeira, considerando que a mesma poderá e deverá contribuir significativamente no processo de aprendizagem da criança.

ASPECTOS TEÓRICOS E CONCEITUAIS

De acordo com a Declaração Universal dos Direitos da Criança, toda criança “deve desfrutar plenamente de jogos e brincadeiras os quais deverão estar dirigidos para

educação.” Ou seja, é direito delas ter a oportunidade de ser educada através de suas necessidades e princípios.

Assim, todo/a professor/a de educação infantil deve “ter como ponto de partida, no trabalho pedagógico, as próprias crianças, seus interesses, suas formas de aprender e apreender o mundo e o conhecimento, seus saberes. [...]” (MELO, 2009). Aprender brincando será para elas um momento prazeroso, transformando a escola em um ambiente acolhedor e estimulador.

Como afirmamos acima, através da brincadeira a criança poderá ser estimulada em diversos aspectos de seu desenvolvimento, de modo a adquirir uma aprendizagem prazerosa e satisfatória. Dentre esses aspectos, destacamos o desenvolvimento social, a interação das crianças entre si e com os/as adultos/as e através dessa interação, o desenvolvimento de sua oralidade.

Através da brincadeira o/a professor/a poderá criar situações, fazendo com que as crianças interajam com seus/as colegas/as, aprendam a brincar em grupo, dividir seus brinquedos, ajudar o outro, brincar junto. É de fundamental importância estimular as crianças desde pequenas a permitir que seus/as colegas brinquem junto com elas ou até mesmo dividir os brinquedos, muitos valores podem ser trabalhados em sua só brincadeira.

O Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil (RCNEI) afirma que:

Brincar é uma das atividades fundamentais para o desenvolvimento da identidade e da autonomia. O fato de a criança, desde muito cedo, poder se comunicar por meio de gestos, sons e mais tarde representar determinado papel na brincadeira faz com que ela desenvolva sua imaginação. Nas brincadeiras as crianças podem desenvolver algumas capacidades importantes, tais como a atenção, a imitação, a memória, a imaginação. Amadurecem também algumas capacidades de socialização, por meio da interação e da utilização e experimentação de regras e papéis sociais (BRASIL, 1998, P. 22).

Ou seja, através a brincadeira, o/a professor/a poderá trabalhar com as crianças as regras sociais, de convivência, os valores, os papéis sociais (pai, mãe, dentre outros). Estimulando-as a desenvolver sua imaginação e a criar situações em que as próprias

crianças sejam construtoras do seu conhecimento e de sua aprendizagem. Como por exemplo, ao vestirem as roupas de seus pais, elas já estão adquirindo algumas regras sociais e o papel de cada um deles no contexto familiar.

No decorrer de determinadas atividades, de forma conjunta, o/a professor/a também trabalhará a oralidade das crianças, ao estimulá-las a conversar em grupo, a ajudar o/a colega em alguma situação, ao ensiná-las uma música.

A música também é muito importante para o desenvolvimento oral das crianças, sabemos que a comunicação está presente desde os seus primeiros meses, pois em diversas situações, através de gestos, olhares e atitudes, ela se comunica com o mundo ao seu redor. Assim como, desde os primeiros meses de vida, os bebês manifestam sua linguagem oral a partir os balbucios.

Considerando a faixa etária da turma onde o projeto foi desenvolvido (crianças entre 3 a 4 anos de idade), o PAID pôde representar um importante espaço para o desenvolvimento da linguagem oral de cada uma das crianças, pois, a interação entre estes coetâneos, em meio às suas diversas expressões, possibilitou a motivação para o desenvolvimento da linguagem oral.

O/a professor/a também poderá estimular a criança através das músicas e da “contação” de histórias na sala de aula. Chiarelli (2005) ressalta que as atividades musicais coletivas, favorecem o desenvolvimento da socialização, estimulando a compreensão, a participação e a cooperação. Desta forma a criança vai desenvolvendo seu conceito de grupo. Além disso, ao expressar-se musicalmente em atividades que lhe deem prazer, ela demonstra seus sentimentos, libera suas emoções, desenvolvendo um sentimento de segurança e de autorrealização.

Sendo assim, destacamos de extrema importância que o/a professor/a da educação infantil, atribua a sua prática, atividades relacionadas com a brincadeira, a musicalização e a “contação” de história, pois ambos contribuem bastante para o desenvolvimento da oralidade, da imaginação, e da socialização, dentre outras áreas do desenvolvimento infantil.

Consideramos que toda instituição de educação infantil deve enxergar a criança como um ser em desenvolvimento constante capaz de agir sobre o meio e aprender de

diversas formas, e o uso da brincadeira, da musicalização e das histórias infantis poderá ajudá-las na maturação de suas capacidades mentais, físicas e sociais.

O DESENVOLVIMENTO DO PROJETO DE ATUAÇÃO E INVESTIGAÇÃO DOCENTE: O BRINCAR NO DESENVOLVIMENTO ORAL E SOCIAL DA CRIANÇA.

Como mencionado acima, o projeto foi realizado em uma Creche e Pré-Escola do município de Campina Grande – PB, no turno da tarde, numa turma de creche, denominada de Maternal II, composta com 11 crianças entre 3 e 4 anos, no intuito de favorecer atividades lúdicas em meio aos demais conteúdos curriculares para esse nível de ensino, através de fantoches, músicas, de forma a proporcionar um melhor desenvolvimento oral e social das crianças. Foram observadas também algumas brincadeiras espontâneas vivenciadas pelas mesmas, assim como, houve a participação, em algumas aulas, das professoras efetivas da mencionada turma, em que no desenvolvimento deste projeto estiveram presentes, contribuindo.

A princípio, foi apresentado o projeto para a diretora bem como para as professoras da instituição, destacando os principais objetivos do mesmo. Foi decidida adequação do conteúdo do projeto ao planejamento semanal da instituição, inserindo a brincadeira dentro do tema abordado.

Decidimos também, que frequentaríamos a instituição mais de um dia na semana, um deles para observar as crianças, conquistar sua confiança e saber o tema a ser discutido durante a semana e a sexta-feira, ficou como dia escolhido para o desenvolvimento do PAID.

O alcance dos objetivos deu-se de forma lúdica e prazerosa: conduzir as crianças a uma melhor conscientização ambiental, a um conhecimento social (aula sobre trânsito); a um melhor desenvolvimento oral e social – destacando-se as atividades de “contação” de histórias, vivenciadas e contadas próprias crianças.

Destacamos, assim, a importância de incluirmos em nosso planejamentos, os interesses das próprias crianças, coautoras do planejamento, pois durante a realização de tal projeto, percebemos seu envolvimento nos momentos de “contação” histórias, onde

tinham a oportunidade de manusear os fantoches e agirem sob sua realidade, apresentando, elas mesmas, a história trabalhada.

Do mesmo modo que, ao realizarmos atividades que envolviam a brincadeira, observamos seus gestos espontâneos, seu desenvolvimento oral ao reproduzirem as histórias de sua forma, sua interação social ao se utilizarem dos fantoches, permitiu que tivéssemos a oportunidade de perceber o quanto as crianças são capazes de participar de forma prazerosa do planejamento escolar, pois podíamos perceber em sua expressão a felicidade em estar brincando e tendo a oportunidade de agir espontaneamente sem nenhuma limitação ou algo determinado pela professora.

Cada momento tornou-se único em nossa pesquisa: cada fala, cada sorriso, cada expressão e participação das crianças, pôde comprovar a necessidade de se pensar em algo que priorize o interesse, a participação e bem estar, destas.

Considerar a criança como um ser participativo, capaz de atuar em sua própria história e agir sobre a realidade existente, implica antes de tudo, mantê-la como centro de nossas atenções, pesquisas e estudos. Dessa forma, não há como pensar em currículo na educação infantil sem destacar que o mesmo deve partir das necessidades e interesses das próprias crianças.

Não podemos esquecer que, currículo na educação infantil refere-se a todas as práticas realizadas na rotina escolar, desde o momento da alimentação, do sono, banho, recreação, até a realização das atividades dirigidas. Todos esses tipos de práticas contribuem para o aprendizado e desenvolvimento das mesmas

Muitas vezes esse currículo, é visto apenas como “os conteúdos trabalhados com as crianças no momento das atividades dirigidas”. Desconsiderando assim, tudo o que vivenciam durante a rotina escolar, como se tais vivências não fizessem parte do currículo e não contribuíssem para um melhor desenvolvimento das crianças.

Cada detalhe vivenciado pelas crianças na pré-escola, cada relação estabelecida com o outro, cada situação vivenciada pela mesma, tudo isso faz parte do currículo escolar, todas as práticas realizadas, fazem parte do currículo da educação infantil.

Tal currículo deve considerar a criança “(...) como um ser social, psicológico e histórico.” (BRASIL, 1998, p. 43). Ou seja, sua forma de ser está associada a estes três fatores e não há como dissociá-los. Não há como pensar um currículo que considere o

ser social da criança e desconsidere o psicológico e/ou o histórico, todos devem estar unidos em prol do seu um melhor desenvolvimento.

Da mesma forma que não há como dissociar as atividades dirigidas da rotina escolar e práticas espontâneas, como se ambas não se interligassem e como se a criança não necessitasse da união das mesmas. Não se torna nada proveitoso que a criança vivencie toda uma rotina, tenha seu momento de brincar espontaneamente e depois algo pareça ser “quebrado” quando a professora se dirige aos meninos e os chama para fazer “a atividade”.

Como já mencionado anteriormente, não há como pensar “para” a criança sem partir do princípio do que “ela” precisa e deseja aprender, se desenvolver. Não há como o/a professor/a planejar sua aula, sem pensar em como seus/suas alunos/as irão gostar e se envolver com determinado conteúdo, tudo deve partir desse pensamento. Pois,

É preciso pensar numa práxis que respeite a especificidade da criança. Criança essa, que no processo de socialização das instituições escolares, é capaz de avançar em suas experiências, estabelecendo objetivos, modificando suas estratégias, fazendo escolhas, tomando decisões e assumindo papéis (MELO, 2009, p. 18).

Faz-se necessário sempre, que “tudo venha delas e para elas”, ou seja, se as próprias às crianças são direcionadas atividades, conteúdos e conhecimentos, elas também tem o direito de escolher o que mais lhes interessem, o que lhes chamem atenção.

Todo bom/boa professor/a deve saber ensinar os conteúdos necessários de forma espontânea, fazendo com que a criança sinta prazer em realiza-la e não seja para ela um momento de “deixar de brincar para ir fazer a tarefa”, o que infelizmente é muito comum.

Assim, consideramos que o currículo na educação infantil refere-se a todo um conjunto de práticas realizadas na instituição, desde os momentos mais espontâneos até as atividades dirigidas. Dessa forma, todo planejamento escolar, deve partir dos interesses e necessidades das próprias crianças, pois sendo elas as autoras do processo têm todo o direito de agir sobre tal. Assim sendo, um/a bom/boa professor/a deve buscar enxergar a criança como centro de sua atenção, prática e planejamento.

Usando como exemplo a necessidade de o/a professor/a considerar os interesses das crianças como centro de seu planejamento, destacamos duas experiências vivenciadas durante o desenvolvimento do PAID, onde uma mesma atividade explorou desde o desenvolvimento oral a interação social das crianças.

Em uma das tardes vivenciadas na instituição, utilizamos uma história infantil para trabalhar com as crianças. A história (Sapolino Birutino) seria contada com o uso de fantoches interpretando os personagens principais e após a “contação” as crianças recontariam a história da forma que interpretaram.

A princípio, durante a “contação” da história, as crianças ficaram motivadas ao ver os personagens do livro saindo de dentro de uma “caixa surpresa”, todos queriam pegar, brincar e participar da história. No decorrer da mesma, íamos entregando os personagens a cada uma das crianças para que assim, pudessem recontar a história ao término dela.

Quando terminamos de contar, as crianças demonstram empolgação com a brincadeira e cada uma queria um personagem diferente, ao perceber sua empolgação, decidimos então permitir que elas continuassem a brincadeira de forma espontânea de modo que pudessemos observar se no decorrer dela, iriam abordar a história conforme foi contada. Infelizmente, ao “achar” que a atividade não estava surtindo efeito, a professora da sala interferiu mudando o rumo da atividade e recolhendo os fantoches, causando assim um descontentamento e desmotivando a maioria das crianças.

Observando que a atividade a partir da história, acima citada, teria agradado a todas as crianças, insistimos na proposta de uma outra atividade que seguisse o mesmo modelo, mas neste caso, que utilizasse uma história mais conhecida pelas crianças, onde elas pudessem recontá-las sem a interferência da professora. Pensamos então na “contação” de *Chapeuzinho Vermelho*, por tratar-se de um clássico bastante conhecido por todas elas.

Ao iniciar a aula, assim como na primeira vez, as crianças ficaram todas entusiasmadas com a presença dos fantoches, no entanto, por ser uma história conhecida por elas, houve efetiva participação de todas. Assim, como feito na primeira experiência com, entregamos os fantoches às crianças e permitimos que elas mesmas (re)contassem toda a história. O reconto foi empolgante para as crianças e até para suas professoras,

que acabaram por contribuir com a organização das crianças, a fim de que todas pudessem efetivamente participar.

Dentre elas, havia uma criança que sabia contar a história inteira e através do seu modo contar e participar envolveu todos os seus colegas na atividade, enquanto ela pegava o fantoche da Chapeuzinho Vermelho, um outro colega pegou o Lobo Mal e outra a Vovó, as crianças contaram toda a história conforme havia aprendido e usaram dos bonecos para representar.

Demonstrando capacidade de agir sobre a realidade e participar ativamente da realização da atividade, não apenas recebendo o conteúdo transmitido, mas participando do mesmo e construindo a história junto com todos, foi possível observar nas crianças envolvidas o desenvolvendo da oralidade, bem como da interação destas com seus pares de forma satisfatória.

Interessante foi ver o semblante de felicidade em seus pequenos rostinhos, algo que nos fez perceber a importância da ação do professor sobre a realidade escolar e o quando as crianças precisam ser vistas como agentes atuantes no processo de ensino e não meras coadjuvantes.

Tais experiências serviram de um grande aprendizado e demonstração de que toda criança possui capacidade de através da mediação do professor, construir seu próprio conhecimento, fato este, que torna desnecessária as aulas em que o planejamento escolar preocupa-se apenas com o interesse da instituição ou do próprio professor em cumprir com o conteúdo posto no currículo e esquece de considerar as crianças que irão recebê-lo.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Todas as observações e vivências com as crianças, todas as brincadeiras e diálogos realizados, serviram de grande crescimento pessoal e profissional, fazendo-nos perceber que vale a pena buscar valorizar a criança da forma que ela é e tentar suprir suas necessidades de criança, sem forçá-las a aprender algo que ainda não são capazes e ao mesmo tempo, sem limitar suas possibilidades.

Pois, como afirma Paulo Freire: “Apesar de mal remunerados, com baixo prestígio social e responsabilizados pelo fracasso da educação, grande parte resiste e continua apaixonada pelo seu trabalho (...). Aos professores, fica o convite para que não descuidem de sua função de educar, nem desanimem diante dos desafios, nem deixem de educar as pessoas para serem “águias” e não apenas “galinhas”. Pois, se a educação sozinha não transforma a sociedade, sem ela, tampouco, a sociedade muda.”

Assim, cabe a nós, como atuais ou futuros profissionais, buscarmos o melhor para as crianças e realizarmos uma prática que a considere como ser capaz de atuar sobre sua realidade,

REFERÊNCIAS:

- BRASIL. Ministério da Educação e do Desporto. Referencial curricular nacional para a educação infantil. Secretaria de Educação Fundamental. Brasília: MEC/SEF, vol 1. 1998.
- BRASIL, Referencial Curricular Nacional para Educação Infantil – Formação Pessoal e Social. Ministério da Educação. Secretaria da Educação. Brasília. 1998. Vol. 2.
- BRASIL, Referencial Curricular Nacional para Educação Infantil – Conhecimento de Mundo. Ministério da Educação. Secretaria da Educação. Brasília. 1998. Vol. 3.
- FARIA, V. L. B; DIAS, F. R. T. S. **Percursos: Currículo na educação infantil.** Editora Scipione.
- FRANCO, M. E. W. **Compreendendo a infância como condição de criança.** 2ª ed. Porto Alegre: Editora Mediação. 2006.
- MELO, G.M.L.S.; BRANDÃO, S.M.B.A.; MOTA, M.S. **Ser Criança: Repensando o lugar da criança no Educação Infantil.** Campina Grande: ADUEPB, 2009.
- PANIAGUA, Gema; PALACIOS, Jesús. **Educação Infantil: Resposta Educativa a diversidade.** Trad. Fátima Murad. Porto Alegre: Artmed, 2007.